

AD HOC E OUTROS POEMAS

Charles Marlon Porfírio de Sousa¹

Ad Hoc

“(as yet, always as yet,
hopelessly as yet)”
Zygmunt Bauman

Sei que me repito,
mas foi o calendário
que me ensinou a ment

ir. Domingo estaciona; e
o sombrio senhor do re-
trato familiar, do tanto que

retirou-se de seu próprio
continente, já não chega
- sequer- a ser saudade

e – no entanto- resta-lhe
-ainda- o bigode a con-
ferir alguma espessura e

a vedar-lhe as palavras. Sob
a desculpa do mau tempo é
escusado levantar-se e ficamos

-ambos- na cama, onde o amor é ana-
crônico
e – ainda assim-

se repete.

¹ Mestrando em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (USP).

Elsewhere

Fez-se tarde e já
está a rua vazia e

onde o silêncio vem pre-
ceder à morte, há a plasticidade

fechando em si o resultado de
outro – passado e redundante- dia

e já nada nos parece, agora,
- também- bem delimitado,

tuas próprias lembranças
não coincidem ou assemelham-

se ao real. Ofereces-me,
no entanto, tua mão vazia

e desço a rua em companhia
de tudo aquilo que te falta; e

vamos nós
- os quatro-

para *elsewhere*
ou
outro lugar.

“Conversaciones nocturnas”²

O poema ao
pôr-se na
página está
a perder-se
a desperdiçar-
se

e é como se
houvesse- agora-
amor de menos
para com a tua
voz belicosa. E
sei

que em tempos
de guerra, o
coração –desejoso-
de bater cansa
e- de cansaço-
pede

mais.

² Retirado de “Cien años de soledad” de Gabriel García Márquez. Referência: García Márquez, Gabriel. Cien años de soledad. 1ª ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2007. Pg.104